

O PLANO DE DEUS PARA A VITÓRIA

O significado do pós-milenarismo

R. J. RUSHDOONY

©1997, de Rousas John Rushdoony

Título do original: *God's Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism*

Edição publicada pela

Chalcedon Foundation

(Vallecito, CA, EUA)



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Monergismo

Caixa Postal 2416

Brasília, DF, Brasil – CEP 70.842-970

Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2008

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Revisão: Wendell Lessa V. Xavier e Felipe Sabino de Araújo Neto

Capa: Raniere Maciel Menezes



PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão Almeida Corrigida e Fiel,
salvo indicação em contrário.

Em memória de
Rousas John Rushdoony

Defensor da Fé
Proclamador da Verdade

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira.....	5
Introdução do editor.....	7
Prefácio de 1997	8
Capítulo um: Perspectivas milenaristas	10
Capítulo dois: Vitalidade na fé cristã	18
Capítulo três: Áreas de reconstrução	25
Capítulo quatro: Escatologia e trabalho.....	27
Capítulo quinto: Economia e escatologia	32
Capítulo sexto: A geração do arrebatamento.....	35
Capítulo sete: Predestinação e lei	38
Sobre o autor:	40

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O propósito desse breve e poderoso monógrafo não é apresentar uma defesa exegética do pós-milenarismo. Isso pode ser encontrado em inúmeros outros livros, os quais, com a bênção de Deus, haverão de circular em breve no nosso país.¹ Antes, Rushdoony, grande apologeta e teólogo reformado, expõe o significado de uma escatologia para a vida real, bem como o efeito desta sobre o caminhar cristão e sobre o mundo como um todo.

Para aqueles que estão hesitantes em sequer continuar a leitura, citamos Martin G. Selbrede, em seu excelente texto “O impacto de Rushdoony sobre a escatologia”, ao falar especificamente sobre tal monógrafo:

Uma leitura superficial poderia levar o principiante a crer que é uma peça de rajada teológica. Uma leitura cuidadosa revela que Rushdoony preparou uma dinamite cultural numa forma altamente compacta. Ele chega perto de ser um livro “para aqueles que têm ouvidos, ouçam”. Os que estão casados em primeiro lugar com uma escatologia, e com a ética bíblica em segundo lugar, deixarão o livro de lado. Aqueles que percebem que Deus nos julga por nossos atos, e não por nossas orientações teológicas, continuarão para encontrar alimento para a mente ali, sejam eles amilenaristas, dispensacionalistas ou indecisos. Homens que dirigem suas vidas, não pelo que sentem que a Escritura prediz, mas pelo que sabem que a Escritura ordena, colocarão Rushdoony ao seu lado. É apropriado que suas críticas estejam necessariamente dirigidas à maioria, mas não àqueles que são fiéis à Palavra de Deus.²

Diferente dos dispensacionalistas, que vivem precisando retratar as suas falsas previsões, de acordo com o cenário mundial,³ este livreto, embora escrito em 1977,

¹ Dentre os muitos, citamos: *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology*, de Kenneth L. Gentry; *Postmillennialism: An Eschatology of Hope*, de Keith A. Mathison; *The Victory of Christ's Kingdom: An Introduction to Postmillennialism*, de John Jefferson Davis; *Victory in Jesus: The Bright Hope of Postmillennialism*, de Greg L. Bahnsen; *Thine is the Kingdom: A Study of the Postmillennial Hope*, de Kenneth L. Gentry (editor); *The Millennium*, de Loraine Boettner.

² Disponível em *Rushdoony: campeão da fé e da liberdade* (Monergismo, 2016), Felipe Sabino (editor).

³ Tamanha é a influência da interpretação equivocada do dispensacionalismo em nosso meio, que mesmo teólogos amilenistas, antagônicos ao dispensacionalismo como um todo, carregam certos traços desse sistema escatológico. A mania de ver a proximidade do fim com base em guerras e calamidades em geral talvez seja o mais notório de tais traços. Como disse o famoso e falecido filósofo cristão Greg L. Bahnsen, grande defensor do pós-milenismo, tais pessoas se preocupam em fazer “exegese de jornal”, e não das Escrituras.

continua atual e sem nenhuma necessidade de revisão, pois expressa a verdade bíblica, imutável assim como o seu Autor.

Agradecemos ao rev. Mark Rushdoony, tanto por permitir a tradução e publicação deste livro em nosso vernáculo, bem como por dar continuidade à maravilhosa obra iniciada por seu pai através da *Chalcedon Foundation*.

Esse é o primeiro livro publicado no Brasil que defende abertamente o pós-milenarismo. Concordamos com Selbrede, quando disse que “Rushdoony não tornou o pós-milenarismo apenas respeitável. Ele o tornou formidável!” Que belo começo termos R. J. Rushdoony como o primeiro “pregador brasileiro”!

— **Felipe Sabino de Araújo Neto**
12 de dezembro de 2008

INTRODUÇÃO DO EDITOR

Ninguém na era moderna tem sido mais vocal e visivelmente identificado com o pós-milenarismo que Rousas John Rushdoony. Ainda que outros notáveis tenham se unido a ele, tais como Loraine Boettner, Roderick Campbell, John Jefferson Davis e Marcellus Kik, tem sido Rushdoony e sua *Chalcedon Foundation* que têm levantado com maior proeminência a bandeira do pós-milenarismo. Ele influenciou profundamente uma classe inteira de jovens estudantes e escritores, direta ou indiretamente associados com a *Chalcedon*, todos os quais estão em dívida principalmente com Rushdoony por sua escatologia pós-milenarista (e muito mais). Ele e aqueles a quem influenciou predominam agora nos debates escatológicos modernos.

A despeito do seu nome, a mensagem do pós-milenarismo não é principalmente acerca da relação precisa do reino com o milênio de Apocalipse 20: o pós-milenarismo não é fundamentalmente sobre uma interpretação particular de Apocalipse 20, *mas sobre toda a Bíblia e toda a fé e vida cristã*. Ele não é meramente uma escatologia, mas, na linguagem de Abraham Kuyper, um “sistema de vida”. O pós-milenarismo muda toda a nossa perspectiva sobre a vida (assim como os outros pontos de vista milenaristas). Tal como declara Rushdoony: “Escatologia não é apenas sobre as últimas coisas, mas acerca das *primeiras* coisas também, até onde nos propomos ir, até onde vamos.” Porque os pós-milenaristas esperam o progresso inexorável do reino de Cristo na era inter-advento, eles enfatizam as demandas da Fé Bíblica em todas as áreas da vida. Isso está na raiz da visão de Rushdoony: a *reconstrução* de todos os aspectos da vida em termos da Palavra infalível de Deus, a Bíblia. A expectativa pós-milenarista inspira confiança na tarefa da reconstrução.

Como exibi em meu ensaio em honra a Rushdoony, em sua coletânea intitulada *A Comprehensive Faith* [Uma Fé Abrangente], é vital entender que o seu pós-milenarismo constituiu um passo além do pós-milenarismo clássico do Puritanismo Americano e do movimento missionário do século 19. Rushdoony vincula sua visão pós-milenarista diretamente com o dominionismo e a lei: o domínio piedoso é a tarefa explícita dos cristãos em sua jornada terrena, e a lei bíblica é o meio para esta comissão de domínio. A relação dessas esferas com a visão pós-milenarista era menos explícita em suas versões históricas anteriores.

Hoje a causa pós-milenarista está florescendo, enquanto as causas derrotistas do dispensacionalismo e amilenarismo estão fenecendo. O crédito para essa ação dupla que aumenta o avanço do reino de Cristo encontra seu caminho nos degraus de Rousas John Rushdoony.

O plano de Deus para a vitória, primeiramente publicado há vinte anos, representa uma obra seminal no renascimento do pós-milenarismo de hoje. Ele é mais relevante hoje do que quando foi escrito.

PREFÁCIO DE 1997

O plano de Deus para a vitória foi publicado pela primeira vez em 1977 e passou rapidamente por duas significativas reimpressões. A falta de reimpressão adicional deveu-se à negligência da minha parte, e a um desejo de talvez expandi-lo.

Escatologia, a doutrina das últimas coisas, é também a doutrina das primeiras coisas, pois se preocupa com o objetivo da História. Necessariamente, os objetivos determinam a ação presente. Não somos motivados a agir, a menos que saibamos o propósito da nossa ação. Os objetivos específicos nos motivam. Se cremos que o objetivo principal e final da vida cristã é o céu, ou a salvação das nossas almas, seremos indiferentes ante a História e o mundo ao nosso redor. Mas, se em termos de Mateus 6.33, cremos que o reino de Deus e a sua justiça devem ter prioridade em nossas vidas, então não teremos uma visão egocêntrica da salvação. Nossa salvação pessoal não é o foco e objetivo do Evangelho, mas simplesmente o ponto de partida. O objetivo é o reino de Deus, seu propósito para a humanidade e o mundo. A essência da queda do homem foi sua vontade de ser o seu próprio deus, sua própria fonte de lei e moralidade (Gn 3.5). Com muita freqüência, os homens retêm certos aspectos desse pecado original ao insistir que a sua salvação é o centro do plano de Deus. Deus busca sua própria glória e propósito; nosso lugar em seu plano não está no centro.

Dessa forma, é uma séria deformação, *primeiro*, se fazemos da nossa salvação pessoal o centro do plano e propósito de Deus. É arrogância humana, em clara divergência da Palavra de Deus, ver a si mesmo como mais importante no plano de Deus do que o próprio Deus! Tal visão é um eco do pecado original do homem.

Segundo, é um erro também fazer da igreja o centro do plano e propósito de Deus. Tal visão é agostiniana, mas errada. Agostinho, pai de muita coisa boa e de muita coisa ruim na História da igreja, perdeu a esperança com a vitória no mundo e, portanto, viu na igreja a única possibilidade de vitória. Isso levou a uma doutrina muito significativa da igreja, tanto em Roma como no protestantismo. Se nossa esperança para o futuro do homem e a obra de Cristo está somente na igreja, então enfatizaremos a igreja como a única esperança do homem. A igreja será super-enfatizada, porque é a única esperança do homem. Nem o Estado, nem a família cristã, nem a escola, nem qualquer instituição oferecerá esperança, e nenhuma será vista, portanto, como central ou importante.

Terceiro, uma escatologia que não é pós-milenarista terá uma vida de oração bem diferente daquela de um pós-milenarista. Um problema na oração é a auto-absorção, uma preocupação indevida com o pessoal. Num certo grau, isso é necessário, e os salmos refletem as preocupações particulares de seus escritores; mas eles refletem também a esperança de vitória e a certeza do triunfo de Deus na História. Sem tal preocupação, nossas orações tornam-se deformadas e egocêntricas.

Um fato terrível que nos ameaça hoje é a impotência da comunidade cristã. Mais da metade das pessoas nos Estados Unidos maiores de 18 anos confessam crer em Jesus Cristo como Deus encarnado, e na Bíblia como a Palavra infalível de Deus. Se essas pessoas fossem apenas ¼ da população, elas ainda deveriam dominar a cultura,

quando na realidade é marginal. Suas escatologias falsas colocam-nos às margens da História, e alguns até mesmo se orgulham de sua irrelevância.

Há alguns anos, editei os escritos escatológicos de J. Marcellus Kik e publiquei-os sob o título *Eschatology of Victory* [*Escatologia de vitória*], talvez o melhor título que já dei a um livro. O título declara o caso: o pós-milenarismo é a escatologia de vitória. Essa foi a razão para o sucesso amplo de *O plano de Deus para a vitória*. Muitas pessoas com outras visões rapidamente abraçaram o pós-milenarismo porque, como escreveram, não estavam felizes em ser “perdedores”. A noção de derrota não combina com a tese de um Deus onipotente e um Cristo conquistador.

Para mim, há outra vantagem (e muito pessoal) no pós-milenarismo. Ele considera seriamente e na totalidade do seu significado a verdade de Romanos 8.28: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Meu trabalho não tem sido poupado, por vezes, de ataques tristes e desonestos. Estar no “círculo dos vencedores” faz uma grande diferença tanto ao enfrentar quanto ao ignorar essas coisas, porque o resultado final é tão claro. A História, tanto do mundo como pessoal, é uma História de sucesso magnificente de acordo com a Bíblia. Dessa forma, podemos ser pacientes ante a raiva dos ignorantes e perdedores.

— **Rousas John Rushdoony**

19 de fevereiro de 1997

CAPÍTULO UM: PERSPECTIVAS MILENARISTAS

Muitas análises relevantes do pré-milenarismo, amilenarismo e pós-milenarismo têm sido feitas a partir de uma perspectiva exegética, isto é, em termos de uma análise cuidadosa dos textos bíblicos relevantes. Notáveis entre essas estão os livros *Prophecy and the Church* [*Profecia e a Igreja*], de O. T. Allis, e *The Millenium* [*O Milênio*], de Loraine Boettner. O nosso propósito é analisar essas três posições a partir da perspectiva da teologia bíblica. Quais são as implicações *teológicas* delas?

Para começar, deve-se observar que não existe nenhuma neutralidade da minha parte ao fazer essa análise. A idéia de neutralidade é um mito. Todos os homens falam e escrevem a partir de uma determinada perspectiva: vemos as coisas e organizamos o conhecimento sob uma perspectiva, um comprometimento e uma fé fundamental. Nossa perspectiva é sempre condicionada por nossas pressuposições religiosas. Há uma diferença religiosa entre essas três perspectivas milenaristas. Um cristão não pode sustentar que todas essas três posições são legítimas e válidas: uma é bíblica e as outras, não; ou nenhuma é bíblica. A questão da fidelidade à Escritura não pode ser indiferente.

Uma vez que adotamos uma posição, ela traz certas conseqüências lógicas e também implicações bem práticas para as nossas vidas. Se eu creio que Cristo virá em breve para me arrebatá-lo deste mundo mau, isso implica um efeito prático sobre a minha vida muito diferente do que acreditar que eu verei o mundo pior a cada dia e passarei, finalmente, por uma terrível tribulação. Por outro lado, se creio que o mundo verá o triunfo do povo de Cristo até que todas as pessoas sejam cristãs e surja, enfim, uma gloriosa era material e espiritual, serei motivado de uma forma muitíssimo diferente de um crente pré-milenarista ou amilenarista. Não podemos sustentar, portanto, que essas diferentes doutrinas escatológicas sejam indiferentes. Elas fazem uma diferença enorme no modo como vemos o mundo, nosso trabalho e o futuro. Diz-se que há, *pelo menos*, 40 milhões de cristãos nos Estados Unidos que professam crer que a Bíblia é a infalível Palavra de Deus. Se esse povo crê que o fim está próximo e o arrebatamento, às portas, o impacto produzido por ele sobre o mundo será muito diferente daquele produzido por 40 milhões que creiam que conquistarão o mundo. No primeiro caso, as pessoas estarão se preparando para deixar o mundo, e tirar outros tijolos do fogo antes de partirem. No outro, estarão se preparando para conquistar o mundo e declarar “os direitos régios do Rei Jesus”.

O contraste é ainda maior quando consideramos as promessas de Isaías com respeito a um mundo relativamente livre de crimes, em paz, e com homens que apresentem uma expectativa de vida longa, e reconhecemos que fomos chamados para proclamar o poder salvador de Jesus Cristo a todos os homens, preparando nossos corações, vidas e comunidades para o seu reino em e por meio de nós. O ímpeto para a ação cristã é, neste caso, enorme.

O tipo de fé que temos governa nossas vidas e nossa perspectiva na sua totalidade. O modo como vemos Deus e Cristo determinará a maneira de ver a nós mesmos, nosso chamado e o fim dos tempos. Nossa visão do fim, da escatologia, depende, em grande medida, da nossa visão do princípio, e de toda a História, e de

nossa doutrina sobre Deus e a salvação. Teologia é uma roupa sem costuras, e a visão dos fins dos tempos é inseparável da visão de Deus. Se ele muda a sua opinião a respeito de uma delas, a opinião sobre a outra também será alterada.

Com isso em mente, examinemos as várias perspectivas. Em primeiro lugar, o pré-milenarismo, em particular a visão pré-milenarista dispensacionalista. Essa perspectiva tornou-se proeminente em anos recentes pelos Irmãos de Plymouth, na Inglaterra, sob a liderança do Rev. John Darby, por volta de 1830. Ela adquiriu sua mais ampla influência por meio da Bíblia de Referência Scofield, editada pelo Rev. C. I. Scofield. A Bíblia de Referência Scofield oferece introduções, títulos de seções e notas extensas, que interpretam toda a Escritura sob a perspectiva pré-milenarista dispensacionalista.

Scofield sustentava que existem sete dispensações, eras ou épocas, na História. Para cada dispensação (era), Deus tinha uma revelação e uma forma particulares de vida, de modo que o valor da Escritura dado nessa era é, essencialmente, restrito a ela. Essas dispensações são: *primeiramente, inocência*, o período no Éden, desde a criação de Adão e Eva até a queda deles. A *segunda* era é a da *consciência*, da Queda ao Dilúvio. A *terceira* é a do *Governo Humano*, do Dilúvio ao chamado de Abraão. A *quarta* é a da *promessa*, do chamado de Abraão à entrega da lei no Monte Sinai. A *quinta* é a da *lei*, da entrega da lei no Monte Sinai à maior parte do ministério público de Jesus Cristo. A *sexta* é a da *graça*, dos últimos dias do ministério de Cristo à segunda vinda para arrebatá-los santos (Algumas formas de pré-milenarismo têm mais de uma vinda de Cristo). A *sétima* é a do *reino*, o milênio, um período de mil anos ao longo do qual Cristo reina sobre a Terra.

Outros dispensacionalistas têm outras idéias sobre as dispensações. Blackstone, em *Jesus is Coming [Jesus está vindo]*, apresenta sete também: Inocência, Liberdade, Governo, Peregrinação, Israel, Mistério e Manifestação. Ainda outros, contudo, não concordarão nem com o número: alguns têm menos do que quatro; outros, mais do que oito dispensações. Haver uma diferença de opiniões sobre o que deveria ser tão óbvio, isto é, diferentes planos de salvação, é revelador. Na Escritura, não ocorre nenhuma dispensação claramente sinalizada. Todavia, sustenta-se que essas dispensações são métodos totalmente distintos na forma de Deus lidar com os homens, de modo que certas porções da Escritura são consideradas essencialmente válidas apenas para uma determinada época da História. O dispensacionalista extremo sustentará que, embora o Antigo Testamento seja Palavra inspirada de Deus, ele não tem quase nada a ver com a nossa vida religiosa hoje. Somente uns poucos tipos e símbolos são relevantes, de modo que o pregador pré-milenarista “garimpa” o Antigo Testamento atrás de “pepitas” para o nosso tempo: a maior porção é desconsiderada por, supostamente, não ter relevância no caso.

Mas isso não é tudo. Os dispensacionalistas radicais sustentam que boa parte do Novo Testamento não tem nada a ver como o nosso mundo: refere-se à “Era do reino”. Segundo afirmam, Deus não tem nenhuma Palavra absoluta e imutável. Para muitas pessoas, somente um número bem limitado de páginas no Novo Testamento é válido para a “Era da Graça”, a sexta dispensação, de modo que terminam com uma Bíblia menor que aquela de muitos modernistas. Para citar um exemplo específico, um dispensacionalista, numa Igreja Anglicana, recusa usar a Oração do Senhor (“Venha o teu reino”) ou a leitura dos Dez Mandamentos, como prescrito pelo Livro da Oração

Comum, pois ele sustenta que essas coisas não têm nada a ver com a “Era da Graça”, mas se referem à “Era do reino”. O dispensacionalismo limita a Bíblia e sua relevância; ele divide erroneamente a Palavra da verdade. Ele nega a integridade da Escritura e o fato de que Deus não muda, nem a sua lei, nem o seu plano de salvação, podem mudar de era em era.

Muitos dispensacionalistas, ao pregarem o Antigo Testamento desde Moisés e o Êxodo até ao Deuteronômio, irão ignorar os claros requerimentos da lei para gastar horas e capítulos num suposto simbolismo das cores do mobiliário do Tabernáculo. O significado claro e literal da lei é desconsiderado dando lugar a interpretações fantasiosas e alegóricas. Eles não lêem o significado *da* Escritura, mas lêem um significado *na* Escritura.¹

O pré-milenarismo existiu como heresia na igreja, com altos e baixos em várias épocas, bem antes de John Darby. Em cada época, ele apresentou forte tendência a uma visão evolucionista de Deus e da religião, denunciando assim suas origens antibíblicas. Dessa forma, Abade Joaquim de Fiori, milenarista medieval, sustentou que existiam três eras: *Primeiro*, a era do Pai, da lei, vingança, justiça, do Antigo Testamento, e dos hebreus; *Segundo*, a era do Filho, da graça, fé, igreja, do Novo Testamento, e da expansão missionária da fé; e *Terceiro*, a era do Espírito, na qual a graça e a fé abrem caminho para o amor, o caminho mais sublime, na qual as religiões e nações do mundo se unem em amor, num mundo que está além da lei e da graça. Algumas formas dessa doutrina vêem a terceira era como a era da morte de Deus (e do Filho). Uma visão evolucionista da religião e de Deus é básica para tal pensamento.

O surgimento da fé e ciência evolucionistas levou a uma maior ênfase na interpretação particular, comum a muitos, mas não todos pré-milenaristas. Essa é a “teoria do intervalo”, fortemente afirmada por Scofield. Supostamente, entre Gênesis 1.1, a criação “original” do mundo, e Gênesis 1.2, a suposta re-criação do mundo, ocorre um grande intervalo de tempo, milhares, e talvez milhões, de anos de duração. Durante esse tempo, de acordo com Scofield, “a terra passou por uma mudança cataclísmica, como o resultado de um julgamento divino. A face da terra carrega em todo lugar as marcas de tal catástrofe. Não há indicações suficientes que relacionem isso com a primeira tentação e queda dos anjos”. A mesma posição foi afirmada, um pouco mais suavemente, pela Edição Peregrino da Bíblia (1948) em sua introdução ao Gênesis, que inicia com a declaração de que “o princípio para esta terra pode ter sido incontáveis eras atrás”. Como resultado dessa interpretação, tais dispensacionalistas sustentam que a geologia moderna não oferece nenhum problema para eles; a teoria do intervalo pode acomodar milhões de anos e abre lugar para as eras geológicas. Não surpreende que tenha se tornado fácil para professores de ciência pré-milenaristas e fundamentalistas afirmar uma posição que é uma acomodação à teoria da evolução, tentando unir criacionismo e evolucionismo. A *American Scientific Affiliation* (ASA), formada principalmente por instrutores e professores de ciência em universidades fundamentalistas, é muito hostil ao criacionismo de seis dias e fortemente favorável à acomodação. Nem todos os pré-milenaristas se dão à acomodação, como testemunham Whitcomb e Morris (*The Genesis Flood [O dilúvio de Gênesis]*) e o livro *Evolution and Christian Faith [Evolução e a fé cristã]*, de Bolton Davidheiser, mas todos

¹ Fazem *eisegese* em vez de *exegese*. [N. do T.]

são simpatizantes da teoria da acomodação, especialmente se aceitam o sistema scofieldiano e a teoria do intervalo, que não é o caso dos últimos citados.

De acordo com a Escritura, a clara declaração de Deus é: “Eu sou o SENHOR: Eu não mudo”. Contudo, de acordo com os dispensacionalistas, Deus tem mudado, e repetidamente. Ele possui uma revelação variante; tem-se acomodado ao homem primitivo e ao moderno; e variado os seus planos de salvação.

Não somente os evangélicos inclinados ao dispensacionalismo e/ou pré-milenarismo têm se direcionado a acomodações com a evolução, mas também a ideologias políticas de esquerda. Tendo negado a lei de Deus, eles não têm nenhuma palavra estabelecida e fixa pela qual julgar todas as coisas. As boas intenções carregam peso para pessoas que carecem de um fundamento na lei, e o mundo do socialismo, como o inferno, está pavimentado de “boas” intenções.

Além do mais, a ênfase no pré-milenarismo não é no reino de Deus, mas num reino e império essencialmente judeu, cujo tipo de pensamento Paulo chamou de fábulas judaicas. Outros aspectos das fábulas judaicas que a igreja tem adotado incluem as obras de superrogação, que é uma crença que os méritos de Abraão (e outros santos) foram tão grandes que são suficientes para salvar todos os judeus até o fim dos tempos. Um apelo ao pai Abraão significaria a aplicação de seus méritos excessivos em favor do apelante.

No Livro de Macabeus, encontramos orações pelos mortos. Esse e outros aspectos do farisaísmo se introduziram na igreja cristã, e, com o pré-milenarismo, no mínimo um aspecto do farisaísmo tem sido revivido.

Os pré-milenaristas não-dispensacionalistas, embora rompendo com o sistema scofieldiano, ainda são dispensacionalistas latentes e implícitos por dividirem a História em termos da Segunda Vinda, o Arrebatamento, o reino de mil anos por Cristo como o Rei Judeu de toda a terra, e então o final do mundo; e postulam, ainda, um tipo diferente de palavra e lei de uma era para outra. A Escritura nos dá uma única lei imutável de Deus; ela nos diz que a Segunda Vinda e o final do mundo coincidem. Ela não nos dá um mundo que se move da graça para a lei, e então de volta para a lei. Em cada era, a lei e a graça são operantes e imutáveis.

A posição amilenarista, teoricamente, sustenta que há um desenvolvimento paralelo do bem e do mal, do reino de Deus e do reino de Satanás. Na realidade, o amilenarismo sustenta que a área de maior crescimento e poder está no reino de Satanás, pois o mundo é visto numa inclinação progressiva à decadência, seguindo o curso de Satanás, o aumento das provas e tribulações da igreja, e o fim do mundo encontrando a igreja solitária e dolorosamente assaltada. Não há tal coisa como um milênio ou um triunfo de Cristo e seu reino na História. O papel dos santos é, na melhor das hipóteses, sorrir e tolerar, e mais provavelmente serem vítimas e mártires. O mundo irá de mal a pior de acordo com este ponto de vista pessimista. O cristão deve deixar de agir no mundo por entender que não existe esperança, nenhuma vitória mundial da causa de Cristo, nem a paz e a justiça mundiais. A lei de Deus é irrelevante, pois não existe nenhum plano de conquista, nenhum plano de triunfo no nome e poder de Cristo. Na melhor das hipóteses, a lei de Deus é um plano para a moralidade privada, não para os homens e as nações em todos os seus aspectos. Não é surpresa, o amilenarismo produz uma perspectiva escapista e fechada, uma igreja na

qual os homens não têm nenhum pensamento de vitória, mas somente de intermináveis discussões sobre questiúnculas. Ela produz um farisaísmo de homens que crêem que os eleitos estão num mundo em direção ao inferno, e são uma elite seleta que deve se retirar da futilidade do mundo ao redor deles. Ele produz o que pode ser chamado uma Igreja Ortodoxa de Fariseus, onde o fracasso é uma marca de eleição. Para que isso não seja visto como um exagero, uma pequena denominação tem um hábito de considerar pastores que produzem crescimento em suas congregações com certa suspeita, pois é abertamente defendido por muitos pastores que crescimento é uma marca de concessão, enquanto incompetência e fracasso são marcas de eleição! Os pastores amilenaristas dentro desta igreja insistem regularmente que o sucesso, sem dúvida, significa concessão, e seus fracassos são uma marca de pureza e eleição. Não surpreende que os pós-milenaristas não podem permanecer por muito tempo nesta igreja básica e quase exclusivamente amilenarista.

Examinemos agora alguns traços comuns do amilenarismo e pré-milenarismo. *Primeiro*, ambos consideram as tentativas de construir uma sociedade cristã ou promover a reconstrução cristã como inútil ou errada. Se Deus decretou que o futuro do mundo é um espiral descendente; então, de fato, a reconstrução cristã é fútil. Como um proeminente pastor pré-milenarista e pregador de rádio, o Rev. J. Vernon McGee, declarou no começo da década de 1950, “você não pode polir o cobre de um navio que está afundando”. Se o mundo é um navio se afundando, então os esforços para eliminar a prostituição, o crime ou qualquer tipo de mal social, e esperar a conquista cristã da ordem social, são de fato inúteis. Deve ser observado, contudo, que foram tais opiniões pré-milenaristas que, unidas com o Unitarianismo no começo dos anos 1800, substituíram as escolas cristãs por escolas do Estado, de modo que a igreja pudesse retirar-se a um programa minimalista de avivamento.

Isso aponta claramente para um *segundo* aspecto comum dessas duas posições: a limitação da tarefa cristã ao salvar almas, a retirar tições do fogo. A Escritura é despojada de sua mensagem total e reduzida a um manual para salvar almas. Questões de lei com respeito ao crime, ao uso da terra, dinheiro, pessoas, propriedade, dieta, governo civil, e todas as outras coisas são colocadas de lado, para se concentrar apenas na salvação de almas. Se agora escolas cristãs são iniciadas por alguns desses grupos, com muita freqüência o propósito essencial é promover a salvação das almas. É claro que a conversão é algo importante. O alfabeto também o é. Não aprendemos o alfabeto para gastar nossas vidas nos especializando no alfabeto, mas para ler, aprender e crescer. A conversão é o alfabeto da fé cristã, pelo qual o mundo do chamado de Deus e da sua lei são abertos completamente para nós. Teríamos aprendido a ler se não fôssemos além do alfabeto, e sua repetição? Somos convertidos, se não vamos além da experiência de conversão? E se não, essa experiência é real? Vida significa crescimento, não paralisia; e a verdadeira conversão é o princípio da vida e do crescimento.

Terceiro, nem os pré-milenaristas nem os amilenaristas prestam muita atenção ao mandato da criação; e o pré-milenarismo, sob a liderança do Rev. Carl McIntire, está caindo na heresia de negá-lo. Mas nosso Senhor disse: “Negociai até que eu venha” (Lc 19.13). Deus criou o homem para exercer domínio sobre a terra e subjugar todas as coisas em termos da lei-palavra de Deus. E Jesus Cristo, como o Último Adão, restaurou o homem a este mandato, com a certeza bem-aventurada de que nosso

“trabalho não é vão no Senhor” (1Co 15.58). O dever e o chamado do cristão é exercer os direitos régios do rei Jesus em cada área da vida. Embora o amilenarismo dê aderência formal ao mandato de criação, isso é simplesmente uma tradição em termos de sua ancestralidade reformada. A aderência é formal e sem sentido, pois o amilenarismo, tendo afirmado a certeza do declínio e da derrota, *não pode* afirmar efetivamente um chamado ao domínio.

Quarto, tanto o amilenarismo como o pré-milenarismo são antinomianos em graus variantes. Eles ignoram a lei inteiramente, ou reduzem-na a uma moralidade meramente pessoal. Eles falham em ver a relevância da lei de Deus como o caminho de santificação e como a lei para homens e nações. Eles não reconhecem a lei de Deus como o plano de Deus para o domínio, para a autoridade e governo piedoso em cada área da vida. Essa atitude anti-lei garante a impotência e a derrota a toda igreja que a sustenta. Eles podem prosperar como conventos ou retiros do mundo, mas nunca como um exército conquistador para Deus.

Quinto, existe um *maniqueísmo implícito* no pré-milenarismo e no amilenarismo. O mundo material é entregue a Satanás, e o mundo espiritual é reservado a Deus. Em anos recentes, à medida que nosso *Chalcedon Reports* tem passado de mão em mão, uma das respostas dos pré-milenaristas e amilenaristas é enviar um dilúvio de literatura para me converter, e também escrever, algumas vezes anonimamente, sobre a “terrível” tarefa de encorajar as pessoas em direção à reconstrução cristã. Alguns têm declarado ousadamente que o mundo pertence a Satanás, e são veementes em sua hostilidade a qualquer desafio contra essa idéia. Eles caem numa forma de Satanismo, atribuindo a Satanás este mundo e todas as coisas dele. Isso não é Cristianismo; é Maniqueísmo. É mais do que heresia; é apostasia.

Sexto, visto que o mundo é entregue ao Diabo, o papel da igreja, como já indicamos, é ser, não apenas uma agência para salvar almas, mas também um convento, um retiro do horrível mundo ao nosso redor. Os protestantes há muito têm criticado a idéia do monasticismo, mas, sob a influência dessas duas visões milenaristas, têm tornado toda a igreja num retiro do mundo, com exceção apenas do celibato sacerdotal. Os homens são convocados a abandonar o mundo e procurar refúgio na igreja. Nada é dito sobre estabelecer o reinado e governo de Deus em cada área da vida, pensamento e ação.

Sétimo, como temos indicado, essas visões sustentam uma ruptura fundamental da Escritura, uma divisão da Palavra de Deus. Quando Adão caiu, Deus foi derrotado em seu plano para o domínio por meio do homem. Cristo restaurou o homem, mas somente a um tipo de vida pactual, não de domínio. Passagens da Escritura tais como Isaías 2.1-5 são atribuídas à Era do reino pelos pré-milenaristas, e assim tornadas irrelevantes para a ação cristã hoje, ou espiritualizadas em coisas sem sentido pelos amilenaristas.

Voltando agora para o pós-milenarismo, devemos dizer, definitivamente, que, porque ele vê a salvação como vitória e saúde no tempo e na eternidade, ele vê, portanto, uma responsabilidade do homem diante de Deus para o todo da vida. O pós-milenarismo sustenta que as profecias de Isaías e de toda a Escritura serão cumpridas. A Escritura não é dividida, nem tornada irrelevante para a História. Haverá, como Gênesis 3.15, Romanos 16.20 e Apocalipse 12.9,11 declaram, vitória sobre Satanás, e,

como Gênesis 13, Gênesis 28.14, Romanos 4.13 e toda a Escritura proclamam, todas as famílias da terra serão abençoadas. Pessoas de todas as línguas, tribos e nações serão convertidas, e a Palavra de Deus prevalecerá e governará em cada parte da terra. Portanto, há uma necessidade de ação e uma certeza de vitória.

Em sua maior parte, os credos históricos da igreja têm sido pós-milenaristas. Por exemplo, na Confissão de Westminster, capítulo VIII, seção. 8, lemos:

Cristo, com toda a certeza e eficazmente aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele adquiriu a redenção. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na Palavra e pela Palavra os mistérios da salvação, persuadindo-os eficazmente pelo seu Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela sua Palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria, da maneira e pelos meios mais conformes com a sua admirável e inescrutável dispensação.

O Catecismo Maior nos dá uma ênfase semelhante:

Q. 54. Como é Cristo exaltado em sentar-se à destra de Deus?

Cristo é exaltado em sentar-se à destra de Deus, em ser ele, como Deus-homem, elevado ao mais alto favor de Deus o Pai, tendo toda a plenitude de gozo, glória e poder sobre todas as coisas no céu e na terra; em reunir e defender a sua igreja e subjugar os seus inimigos; em fornecer aos seus ministros e ao seu povo dons e graças e em fazer intercessão por eles.

Q. 191. O que pedimos na segunda petição?

Na segunda petição, que é: “*Venha o teu reino*” – reconhecendo que nós e todos os homens estamos, por natureza, sob o domínio do pecado e de Satanás -, pedimos que o domínio do mal seja destruído, o evangelho seja propagado por todo o mundo, os judeus chamados, e a plenitude dos gentios seja consumada; que a igreja seja provida de todos os oficiais e ordenanças do evangelho, purificada da corrupção, aprovada e mantida pelo magistrado civil; que as ordenanças de Cristo sejam administradas com pureza, feitas eficazes para a conversão daqueles que estão ainda nos seus pecados, e para a confirmação, conforto e edificação dos que estão já convertidos; que Cristo reine nos nossos corações, aqui, e apresse o tempo da sua segunda vinda e de reinarmos nós com ele para sempre; que lhe apraza exercer o reino de seu poder em todo o mundo, do modo que melhor contribua para estes fins.

A visão pós-milenarista, embora vendo altos e baixos na História, vê a História se movendo para o triunfo do povo de Cristo, para a igreja triunfante de pólo a pólo, para o governo do mundo todo pela lei de Deus e, então, após um longo e glorioso reinado de paz, a segunda vinda e o final do mundo. Essa visão sustenta, em *primeiro*

lugar, a óbvia unidade da Escritura. Toda a Escritura ensina um modo de salvação. Toda a Escritura tem um mandato para o homem. Toda a Escritura ensina que o homem está sob a permanente e única lei de Deus. Temos um chamado, um Deus imutável, uma Palavra infalível. *Segundo*, o pós-milenarismo deixa claro que os cristãos têm a tarefa não apenas de salvar almas, mas também de salvar escolas, lares, igrejas, empresas, Estados e vocações; um chamado para levar tudo cativo a Cristo, o Rei. *Terceiro*, o pós-milenarismo restaura a lei ao seu lugar como a forma de santificação e um plano para a conquista. *Quarto*, o pós-milenarismo leva a sério o senhorio de Cristo. Ele não é apenas o Cabeça da igreja, mas o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Isso significa que ele é o Soberano de todas as nações e Senhor sobre todas as autoridades em cada área, e todas as coisas devem ficar sob os pés de Cristo no tempo bem como na eternidade.

O impacto da igreja quando ela confrontou Roma, confrontou os bárbaros, e, de novo, na Reforma, foi conquistar e subjugar reinos ao Cristo da Escritura e à sua lei-palavra infalível. Os reformadores eram homens do mundo: Lutero, um professor antes de tudo; Calvino, um advogado-teólogo chamado para reformar Genebra pelo concílio da cidade. A Reforma significa proclamar o poder salvador de Cristo e aplicar toda a Palavra de Deus a cada área da vida. Qualquer coisa aquém disso não é o evangelho.²

² Veja R. J. Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law* (Nutley, New Jersey: The Craig Press, 1973).

CAPÍTULO DOIS: VITALIDADE NA FÉ CRISTÃ

Um estudo sobre a expectativa de vida em pacientes hospitalares chegou à conclusão que havia uma forte correlação entre a expectativa de vida e o pensamento orientado para o futuro. Um homem, cuja mente considerava atividades para o próximo ano, tinha mais probabilidade de viver que outro, cujo pensamento era somente vinculado à rotina diária do hospital. Como regra, aqueles sem um futuro em mente não têm nenhum futuro.

Essa conclusão não deveria nos surpreender. O homem, tendo sido criado à imagem de Deus, foi criado com uma mente que não está contida ao momento presente. Fisicamente, o homem está amarrado ao momento presente; ele não pode voltar no tempo para eras passadas nem ir para o futuro num salto repentino, pulando anos intervenientes num segundo. Para o Deus Todo-poderoso, toda a História é presente diante dele. Deus não está preso ao tempo, pois ele é o criador do tempo, como de todas as coisas. Antes da fundação do mundo, ele ordenou e decretou todas as coisas que aconteceriam, de modo que o princípio e o fim da criação sempre estão totalmente diante dele. Deus está além da História, mas nem um segundo nem um fio de cabelo em toda a História está além dele ou fora do seu governo e visão. Ele é o Senhor, o Todo-poderoso.

Porque o homem foi criado à imagem de Deus, ele tem, intelectualmente, a mesma capacidade, num nível de criatura. Ele pode ver, como num cristal obscurecido, o princípio e o fim, quando seu pensamento e visão são governados por Deus e sua Palavra. Mesmo sem fé, o homem pensa e planeja, estuda a História e a si mesmo, e não está contido a um momento. Contudo, sem fé em Deus, o homem perde o significado do momento bem como do passado, pois tende a se retirar do tempo e da História para um mundo-convento, o qual, por não existir, significa um retiro para a morte. Ellenberger escreveu:

O que chamamos de “sentido da vida” não pode ser entendido independentemente do sentimento subjetivo de tempo experimentado. Distorções do sentimento do tempo necessariamente resultam em distorções do significado da vida. Normalmente, olhamos para o futuro não apenas por si mesmo, mas também para compensar e corrigir o passado e o presente. Contamos com o futuro para pagar as nossas dívidas, obter sucesso, desfrutar da vida e tornarmos-nos bons cristãos. Sempre que o futuro torna-se um vazio, como com os maníacos e certos psicopatas, a vida é uma aposta perpétua e considera-se apenas a vantagem do minuto presente; sempre que o futuro torna-se inacessível ou bloqueado, como com os deprimidos, a esperança necessariamente desaparece e a vida perde todo o seu sentido.¹

¹ Henri F. Ellenberger, “A Clinical Introduction to Psychiatric Phenomenology and Existential Analysis”, in Rollo May, Ernest Angel, Henri F. Ellenberger, editors: *Existence, A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, p. 106s. New York: Basic Books, 1959.

Dessa forma, uma fé orientada no futuro significa uma perspectiva que planeja corrigir erros passados na ação futura, mas também reconstruir o futuro sem aqueles erros ou pecados. No grau em que uma sociedade carece de uma orientação futura, nessa extensão ela não somente estagnar-se-á, mas também perderá a vitalidade de corrigir e reconstruir.

Minkowski, ao discutir um caso de depressão esquizofrênica, diz do paciente:

Não existe ação ou desejo que, emanando do presente, alcance o futuro e mude os seus dias, todos sombrios e similares. Como resultado, todo dia mantém uma independência incomum, falhando em ser imerso na percepção de qualquer continuidade de vida; cada dia começa a vida de novo, como uma ilha solitária num oceano cinza do tempo que passa. O que foi feito, vivido e falado não mais desempenha o mesmo papel como em nossa vida, pois não existe nenhum desejo de continuar; cada dia era uma monotonia irritante das mesmas palavras, as mesmas reclamações, até que alguém percebeu que esse ser tinha perdido todo sentido de continuidade necessária. Tal era a marcha do tempo para ele.

Todavia, nossa figura ainda está incompleta; está faltando um elemento essencial nela – o fato que *o futuro foi bloqueado* pela certeza de um evento terrível e destrutivo. Essa certeza dominava toda a perspectiva do paciente, e todas as suas energias estavam atadas a esse evento inevitável.²

O mesmo é verdade do povo não esquizofrênico. Em 1972, não poucas pessoas informaram-me sua preocupação com amigos e parentes, os quais, carentes de qualquer fé, tinham lido *None Dare Call It Conspiracy* (1973), de Gary Allen, e tinham concluído que um ataque terrível de todas as coisas pelos lendários semi-onipotentes Insiders aguardava o mundo; a reação deles tornou-se algumas vezes suicidas; a sua capacidade de trabalhar e agir foi debilitada, e viviam uma vida limitada, cheia de medo e terror.

Devemos reconhecer que a esperança pré-milenarista não está no mesmo nível. De fato, ela tem seu evento terrível, a grande tribulação. Alguns sustentam que a igreja será “arreatada” antes da tribulação; outros, durante; e alguns, após. Contudo, o “arreatamento” é um evento bendito, uma entrada ao céu. Essa esperança, todavia, é pessoal, não social. O mundo, como um todo, é visto como num caminho inútil, de modo que não existe esperança em nenhum tipo de ação social, nem na reconstrução cristã. Como resultado, haverá uma orientação puramente de outro mundo, e um desprezo pela História e pelo tempo.

O amilenarismo não tem nenhum “arreatamento” e vê a História se deteriorando constantemente até o final, e, como resultado, não é surpreendente que ele tem criado igrejas que marcham para o declínio e a paralisia.

Assim, tanto o amilenarismo como o pré-milenarismo têm o mesmo impacto social que a depressão esquizofrênica: eles produzem um *futuro bloqueado*, um futuro

² Eugene Minkowski, “Findings in a Case of Schizophrenic Depression”, in *Ibid.*, p. 132s.

que não oferece nenhuma esperança com respeito à História e ao tempo. Mas eles têm uma esperança com respeito à eternidade. Contudo, temos o direito de perguntar a muitos deles quão válida é a sua esperança, visto que o nosso Senhor declara enfaticamente que o teste da fé é muito prático: os homens dão bom fruto aqui e agora (Mt 7.15-20)? “O fruto pacífico de justiça” (Hb 12.11) é simplesmente o resultado do castigo de Deus sobre os seus filhos, para limpá-los da esterilidade e levá-los à justiça, e isso significa resultados aqui e agora. “A noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9.4). Se os cristãos têm um futuro bloqueado, então o mundo está numa condição temerosa, pois são os cristãos que são a luz do mundo e o sal da terra (Mt 5.13-15).

O impacto da escatologia sobre o homem tem sido observado por vários historiadores ultimamente. Assim, Gary North escreveu:

Os puritanos da primeira geração foram motivados por uma visão pós-milenarista da vitória terrena; eles iam reformar o mundo por meio da pregação e da reconstrução piedosa. Por volta de 1660, um pessimismo radical substituiu o antigo otimismo escatológico. A nova geração não tinha sido convertida em termos dos requerimentos carismáticos da experiência cristã. Um rei hostil estava de volta ao trono na Inglaterra. A Santa Comunidade parecia estar em colapso. Os cânones herdados da economia medieval pareciam inaplicáveis. Ninguém sabia como lidar com a crise econômica, a mobilidade social crescente e as leis de mercado como de perdas e ganhos. Um tipo de antinomianismo social foi iniciado, à medida que os pastores pregavam sermões generalizados sobre pecados não-específicos, mas evitavam oferecer alternativas concretas à estrutura medieval em colapso.

O pessimismo escatológico combinado com o antinomianismo social produziu mais tarde o pietismo puritano, marcado com maior dramaticidade pelos Mathers. Pré-milenaristas, emotivos e derrotados na política, Increase e Cotton Mather voltaram à pregação de salvação individual e à criação de sociedades voluntárias de auto-ajuda. Franklin aprendeu de Cotton Mather a importância de fazer o bem; mas ele não captou a teologia da qual Cotton dependia ao fazer o bem humano.³

Uma força muito central que levou as colônias a resistir contra as usurpações de poder sobre elas pelo Parlamento Inglês foi um pós-milenarismo renovado. Jonathan Edwards sustentava que a glória dos últimos dias provavelmente iria começar na América. Ele escreveu:

Está de acordo com a maneira de Deus, quando ele realiza qualquer obra gloriosa no mundo, para introduzir um novo e mais excelente estado de sua igreja, começar onde nenhum fundamento tinha sido lançado antes, para que o poder de Deus possa ser mais evidente; para que a obra pareça ser inteiramente de Deus, e seja mais

³ Gary North, “The Concept of Property in Puritan New England, 1630-1720”, in *The Westminster Theological Journal*, vol. XXXV no. 1, Fall, 1972, p. 66s.

manifestadamente uma criação do nada: de acordo com Oseías 1.10: “E acontecerá que no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo”.

Quando Deus está a ponto de converter a terra num paraíso, ele não começa sua obra onde há algum bem desenvolvido; mas, no deserto, onde nada cresce e nada é visto, senão terra seca e rochas estéreis; para que a luz possa brilhar nas trevas, o mundo vazio possa se encher, e a terra árida possa ser regada por mananciais: de acordo com muitas profecias da Escritura, como Isaías 32.15. “Até que se derrame sobre nós o espírito lá do alto; então o deserto se tornará em campo fértil”. E 41.18,19: “Abrirei rios em lugares altos, e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em lagos de águas, e a terra seca em mananciais de água. Plantarei no deserto o cedro, a acácia, e a murta, e a oliveira; porei no ermo juntamente a faia, o pinheiro e o álamo”. E 43.20: “Os animais do campo me honrarão, os chacais, e os avestruzes; porque porei águas no deserto, e rios no ermo, para dar de beber ao meu povo, ao meu eleito”. E muitas outras passagens paralelas poderiam ser mencionadas.

Quando Deus está para fazer alguma grande obra em sua igreja, seu modo é começar pelo extremo inferior; assim, quando ele está para renovar toda a terra habitada, é provável que ele comece nesta parte extrema e mais jovem dela, onde a igreja de Deus foi plantada por último; e assim, o primeiro será o último, e o último o primeiro; e isso se cumprirá de modo eminente em Isaías 24.16: “Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao justo”.⁴

Joseph Bellamy (1719-1790) via um futuro glorioso para o mundo, durante o qual seriam salvos muito mais “do que nunca antes habitaram sobre a face da terra desde a fundação do mundo”. De fato, ele apontou que, se a era de triunfo durasse mil anos literais, então, em vista do crescimento da população, “a cada um perdido, 17 mil seriam salvos”.⁵

Samuel Hopkins (1721-1803) dedicou “Um Tratado sobre o Milênio” “Ao Povo que Viverá nos Dias do Milênio”. Entre outras coisas, Hopkins disse dessa era gloriosa:

Mas quando o milênio começar, os habitantes que estiverem na terra estarão dispostos a obedecer ao mandamento divino de subjugar a terra, e multiplicar-se até que a tenham enchido; e terão habilidade, e estarão sob todas as vantagens desejáveis para fazê-lo, e a terra em breve estará cheia de habitantes, e será trazida a um estado de alto cultivo e melhoramento em cada parte dela, e produzirá abundantemente para o suprimento completo de todos; e haverá

⁴ Jonathan Edwards, “The Latter-Day Glory is Probably to Begin in American”, in Conrad Cherry, editor: *God’s New Israel, Religious Interpretations of American Destiny*, p. 57s. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1971; citado das *The Works of President Edwards*, IV, 128-133, 1830 ed.

⁵ “The Millennium”, in *The Works of Joseph Bellamy*, I, p. 456s. Boston: Doctrinal Tract and Book Society, 1853.

milhares de vezes mais pessoas do que nunca antes existiu no mundo. Então a profecia seguinte, que diz respeito àquele dia, será cumprida: “O menor virá a ser mil, e o mínimo uma nação forte; eu, o SENHOR, ao seu tempo o farei prontamente” (Is 60.22). E há razão para pensar que a terra será então, em algum grau, alargada em mais formas do que se possa agora mencionar ou pensar.

Em milhares, centenas de milhares, sim, milhões de casos, grandes zonas agora cobertas de água, baías e golfos de mar, poderá ser drenada, ou a água detida por barragens e paredes, de forma que centenas de milhões de pessoas possam viver nesses lugares e ser sustentadas pela produção delas, que estão agora submersas pela água. Quem pode duvidar disso, ao recordar quantos milhões de pessoas habitam agora na Holanda e nos Países Baixos, a maior parte dos quais estavam antigamente cobertos pelo mar, ou pensar que não há capacidade de melhoramento? Outros exemplos poderiam ser mencionados.

Ainda que haja muitos milhões de pessoas sobre a terra ao mesmo tempo, isso não será inconveniência para ninguém, mas o contrário; pois cada um será suprido com tudo o que quiser, e todos estarão unidos em amor, como irmãos de uma família, e haverá bênçãos e ajuda mútua. Eles morrerão, ou, antes, dormirão, e passarão para o mundo invisível, e outros aparecerão em seu lugar. Mas a morte então não será acompanhada com as mesmas circunstâncias calamitosas e terríveis como tem sido e é agora, e não será considerada como um mal. Não virá com enfermidades longas e penosas, nem acompanhada de qualquer problema de corpo ou mente. Eles estarão em todos os aspectos prontos para ela, e a receberão com grande conforto e júbilo. Todos morrerão no tempo e da maneira que for melhor para ele e todos que estão relacionados a ele; e a morte não trará sofrimento para os parentes e amigos que sobreviverem; e eles se regozijarão ao invés de lamentar, visto possuírem um senso vívido da soberania e bondade da vontade de Deus, e da grande felicidade do mundo invisível para o qual seus amados amigos partiram, e onde eles esperam em breve chegar. De forma que, naquele dia, a morte perderá em grande medida seu aguilhão, e terá a aparência de um amigo, e será bem-vinda por todos como tal.⁶

De acordo com Bushman, esses e outros homens, com Bellamy como um líder destacado, mudaram o caráter do seu povo e criaram o *Yankee* dos anos posteriores a 1765.⁷

Em épocas passadas, homens que se sentiam chamados de Deus buscavam refúgio do mundo num convento. Mais tarde, sob a influência do pietismo, a própria

⁶ *The Works of Samuel Hopkins*, vol. II, pág. 288f. Boston: Doctrinal Tract and Book Society, 1854.

⁷ Richard L. Bushman, *From Puritan to Yankee, Character and the Social Order in Connecticut, 1690-1765*. Cambridge: Harvard University Press, (1967) 1969.

igreja tornou-se um convento no mundo, um refúgio dos problemas e das correntes de movimentos e forças sociais. Na era moderna, o homem secular tem procurado na experiência de convento várias formas de escapismo: retiros, casas de saúde mental, aposentadoria e muitas outras avenidas de rendição.

O pensamento pós-milenarista foi muito importante na formação e desenvolvimento dos Estados Unidos entre 1765 e 1860. É impossível entender o desenvolvimento dos Estados Unidos à parte desta escatologia.

Um estudioso secular, George Shepperson, ao discutir formas pagãs e cristãs de milenarismo, comentou, de todos esses grupos, e, em particular, de um movimento na Nyasaland,

Como muitos movimentos similares em outras partes do mundo, as expectativas tomam uma forma pré-milenarista dramática; a agência libertadora ou salvadora vem antes e não depois – como no caso do pós-milenarismo – após a batalha contra as forças do mal. O pré-milenarismo sempre significa uma profunda desconfiança das forças ortodoxas na reforma aberta da sociedade.⁸

Esse é um ponto de grande importância. Quer em suas formas seculares ou políticas, onde o milênio é trazido, não por reconstrução, mas por revolução violenta, ou em suas formas religiosas, onde um ato sobrenatural traz o milênio, os grupos milenaristas são hostis à reforma e reconstrução. Na História recente da igreja, esse tem sido evidentemente o caso. As igrejas pré-milenaristas, com raras exceções, têm recusado lutar contra as invasões do modernismo em suas denominações; com muita frequência, eles têm preferido sentar-se comodamente e ver isso como sinal “dos tempos finais” e como prova de que o arrebatamento está perto. Em minha própria experiência dentro de uma importante igreja americana, eu vi pré-milenaristas deliberadamente, e por declaração manifesta a mim, chegar tarde a reuniões-chave onde seu voto teria levado à recuperação de um sínodo, pois eles recusam se envolver em tentativas de “reformular” a igreja; essa é, para eles, uma atividade “não-espiritual”, e se sentem seguros de que a apostasia foi ordenada por Deus como um prelúdio para o “arrebatamento”.

Na era colonial, homens como o Rev. Thomas Clap (1703-1767) tinham pouco interesse no desenvolvimento e progresso teológicos, e se contentavam, como contra Joseph Bellamy, a extirpar a heresia. O caráter do amilenarismo moderno não difere ao de Clap e dos seus *Old Lights*: é indiferente ao mundo em geral, e se contenta com manter-se na linha, repetir as antigas formulações teológicas, em vez de desenvolvê-las em termos dos problemas atuais, e estão mais interessados em reprimir a heresia do que em promover a fé. As várias igrejas presbiterianas reformadas e ortodoxas são exemplos excelentes disso, com pequenas exceções aqui e acolá.

Não é de surpreender que os *New Lights*, liderados por Bellamy, logo se tornaram uma força dominante em Connecticut. Bushman escreveu:

Em 1763, William Johnson se maravilhou que os *New Lights*, que em sua memória “era um partido pequeno, meramente religioso, tivesse

⁸ George Shepperson, “Nyasaland and the Millennium”, in Sylvia L. Thrupp, editor: *Millennial Dreams in Action, Essays in Comparative Study*, pág. 146. The Hague, Netherlands: Mouton & Co., 1962.

adquirido tamanha influência ao ponto de ser quase o partido dominante do governo, por sua maior atenção às questões civis e estreita união entre eles mesmos na política”.⁹

Uma influência e um poder bem maiores nos esperam hoje.

⁹ *Idem.*

CAPÍTULO TRÊS: ÁREAS DE RECONSTRUÇÃO

Os esforços pietistas, amilenaristas e pré-milenaristas levam, invariavelmente, a um isolamento do mundo, e a uma igreja semelhante a um convento, tornando-se um lugar de refúgio do mundo, e não um lugar de preparação para a batalha. Tais igrejas enfatizam cânticos de escapismo, hinos que celebram Cristo como aquele que supostamente virá resgatá-los do mundo e dos problemas do mundo; eles enfatizam a vida num “plano superior”, isto é, uma vida separada das batalhas do mundo.

O milenarismo secular tem o seu lugar de refúgio também: o Estado. Todos os problemas do mundo devem encontrar solução, não na tarefa em direção à reconstrução, mas no Estado revolucionário, cuja vontade efetuará as mudanças requeridas. A revolução funciona como o substituto secular para o arrebatamento: a revolução transportará os verdadeiros crentes do velho e caído mundo para o novo mundo da revolução gloriosa.

Para o cristão ortodoxo, essas alternativas são antibíblicas e imorais. Ele foi regenerado por Deus por intermédio de Cristo para reassumir a tarefa abandonada por Adão, a saber, exercer domínio e subjugar a terra sob Deus e a sua lei-palavra. É importante citar umas poucas das áreas necessárias de ação, mas não em qualquer ordem de prioridade.

Primeiro de tudo, devemos começar conosco mesmos e com as nossas famílias. A família deve ser fortalecida em sua vida religiosa e econômica, e em suas responsabilidades para com cada membro. Os filhos têm o dever de sustentar e cuidar dos seus pais, e manter uma forte ligação religiosa e econômica com eles.¹

Segundo, a igreja, antes de ser uma instituição e corporação legal, é a família de Deus. Isso significa a necessidade de cuidar uns dos outros. O diaconato, e o cuidado pelas viúvas, precisa ser revivido para ministrar às necessidades do povo de Cristo, material e espiritualmente. Não existe uma congregação sem membros idosos que precisam de alguém para fazer suas compras, limpar sua casa, cuidar de certos deveres, e muito mais. É farisaísmo enviar dinheiro ao exterior para cuidar dos necessitados – um ato impessoal –, e negligenciar o ato pessoal e responsável em casa. Ajudar alguém próximo significa um envolvimento contínuo, dores de coluna e de coração; mas isso é o que envolve qualquer trabalho. A igreja deveria ministrar à fome e sede, espiritual e material, dos seus membros.

Terceiro, escolas, universidades, institutos e centros de treinamento cristãos são de necessidade urgente. Igreja ou pais que não se importam com o fato de seus filhos receberem uma educação sem Deus é uma marca de apostasia.

Quarto, a ação política cristã é necessária, com o objetivo de fazer do Estado novamente um Estado cristão, e ter suas ações conformadas à lei de Deus.

Quinto, as organizações cristãs profissionais são urgentemente necessárias. Médicos, advogados e outros profissionais cristãos devem criar suas próprias agências

¹ Para isso, e mais do que pode ser resumido nesse breve ensaio, veja R. J. Rushdoony, *Institutes of Biblical Law*.

profissionais para promover uma visão teologicamente sadia, não pietista, de suas profissões. Isso significa também hospitais cristãos, pensões, asilos para aqueles que não têm família, e muito, muito mais.

Isso significa, *sexto*, estudar todo tipo de chamado a partir da perspectiva da fé e lei bíblica. O que constitui um agricultor cristão? Quão importantes são os vendedores, comerciantes, corretores de imóveis, empresários e qualquer outro trabalhador na reconstrução piedosa?

Isso significa, *sétimo*, que a ciência deve ser vista, como tudo o mais, como uma área de chamado, na qual o conhecimento e o domínio sob Deus deve ser promovido.

Muito mais pode ser dito. É suficiente dizer que o básico para todas essas atividades — saúde, educação, bem-estar, política, economia, família, igreja, nossas vocações, e assim por diante — é a necessidade de *dizimar*, de modo que a obra da reconstrução possa ser acelerada. O dízimo é do Senhor, não da igreja como tal, e pode ir para qualquer agência que esteja trabalhando para expandir o domínio do Senhor e levar cativo a Jesus Cristo cada área do pensamento e da vida.

Finalmente, outra área *deve* ser mencionada: a oração. A primeira petição da Oração do Senhor diz: “*Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu*”. Essa deve ser a nossa oração e também o nosso chamado.

CAPÍTULO QUATRO: ESCATOLOGIA E TRABALHO

Na América colonial do século 18, George Whitefield, enquanto em Nova Jersey, jantou com vários pastores americanos. Somos informados que:

Após o jantar, no curso de uma conversação descontraída e agradável, o sr. Whitefield falou das dificuldades em seu ministério do evangelho, procedentes do pequeno êxito com os quais seus labores foram coroados. Ele lamentou grandemente que toda sua zelosa atividade e fervor foram de pouca utilidade; disse que estava cansado das obrigações e fáticas diárias; declarou que seu grande consolo era que, em breve, sua obra estaria feita, quando partisse para estar com Cristo; que a expectativa de uma breve libertação mantinha seu espírito, ou, de outro modo, teria sucumbido sob o seu trabalho. Ele então apelou aos ministros ao seu redor, se eles não tinham grande conforto que em breve descansariam. Todos concordaram, exceto o sr. Tennent (o Rev. William Tennent Jr.), que sentava perto do sr. Whitefield em silêncio; e por seu silêncio demonstrava pouco prazer na conversação.

Nisso, o sr. Whitefield, virando-se para ele e dando um tapa em seu joelho, disse: “Bem, irmão Tennent, você é o mais velho entre nós! Não te alegra pensar que seu tempo está tão perto, quando você será chamado para o lar e estará livre de todas as dificuldades?”

O sr. Tennent respondeu diretamente: “Não, eu não tenho esse desejo”. O sr. Whitefield o pressionou de novo; e o sr. Tennent novamente respondeu: *“Não, senhor, não é o meu prazer de forma alguma, e se você conhecesse o seu dever, tampouco o seria para você. Não tenho nada a ver com a morte; meu dever é viver o quanto puder – e servir ao meu Senhor e Mestre tão fielmente quanto puder, até que ele considere apropriado me chamar ao lar.”*

O sr. Whitefield insistiu numa resposta explícita à sua pergunta, caso o tempo da morte fosse deixado à escolha dele. O sr. Tennent replicou: “Não tenho nenhuma escolha nisso; eu sou um servo de Deus, e tenho me engajado em fazer o seu trabalho enquanto ele se agrada em me deixar aqui. Mas não, irmão, deixe-me lhe fazer uma pergunta: o que você acha que eu pensaria se eu enviasse meu empregado Tom ao campo para lavrar, e se ao meio-dia eu fosse ao campo e o encontrasse roncando debaixo de uma árvore e reclamando: ‘Senhor, o sol está muito quente, e o arado é duro e difícil; estou cansado e enfadado do serviço que me deu, e estou fatigado com o calor e fardo do dia; senhor, deixe-me retornar para casa e me dispense desse serviço duro.’

O que eu diria? *Que é um preguiçoso e inútil; que sua responsabilidade era fazer o trabalho que eu lhe dei, até que eu, o justo juiz, considerasse apropriado chamá-lo para casa.*

Ou suponha que você tenha contratado um homem para lhe servir fielmente por um *determinado tempo*, num serviço particular, e ele, sem nenhuma razão da sua parte, e antes de realizar metade do seu serviço, se cansasse do serviço, e, em cada ocasião, expressasse um desejo de ser dispensado ou colocado em outras circunstâncias. *Você não o chamaria de um servo mau e negligente, indigno dos privilégios do seu emprego?*

A maneira branda, agradável e cristã na qual essa repreensão foi administrada, aumentou ainda mais a harmonia social e a conversão edificante daqueles irmãos, que concordaram ser muito possível errar, mesmo ao desejar “morrer e estar com Cristo”, que em si é “algo bem melhor”, do que permanecer neste estado imperfeito; e que é o dever do cristão nesse respeito dizer: “Esperarei todos os dias do meu tempo designado, até que chegue a minha mudança”.¹

Esse era o temperamento bíblico e puritano. Murray demonstrou a importância desse temperamento para o sucesso puritano, adicionando:

A oportunidade de honrar a Cristo cumprindo nossos deveres atuais é um privilégio sem preço, e aqueles que assim o servem não ficarão esperando a sua vinda. ‘Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servido assim’.²

Essa crença de que Deus tem uma obra importante para o homem fazer, e que o homem deve fazê-lo, foi acoplada com uma crença de que, o que Deus tem feito por nós, ele pode fazer pelos outros. Por sua vez, a crença atual é uma fé humanista no poder de uma elite científica, que advoga ser a única capaz de salvar o homem, se os homens reconhecerem sua falta de esperteza e se sujeitarem aos *experts*. Sustentam-se que certas raças e classes precisam desse governo se não de progredir. A visão cristã é oposta a isso, e foi manifesta na *forma de acordo* dos missionários batistas, puritanos no temperamento e fé, que se reuniram em Serampore, no começo da incursão missionária deles na Índia, e que declarava:

Aquele que elevou os escoceses e embrutecidos britânicos para se assentarem nos lugares celestiais em Cristo Jesus, pode elevar esses escravos da superstição, purificar seus corações pela fé, e fazer deles adoradores do único Deus em espírito e em verdade. As promessas são plenamente suficientes para remover nossas dúvidas, e fazer-nos antecipar aquele não tão distante período quando ele destruirá todos os deuses da Índia, e fará com que esses próprios ídólatras lancem seus ídolos às toupeiras e morcegos, e renunciem para sempre a obra de suas próprias mãos.³

Tais missionários criam claramente que, pela graça de Deus, eles eram superiores, e era o desejo deles dar essa mesma superioridade da graça a todos os homens. Assim como sua terra natal, uma vez dada ao *savagery*, tinha sido

¹ Archibald Alexander, *The Log College* (London: Banner of Truth Trust, [1851] 1968), p. 25s (ênfase adicionada).

² Iain Murray, *The Puritan Hope* (London: Banner of Truth Trust, 1971), p. 219.

³ *Ibid.*, p. 153.

transformada pela graça de Deus, assim todo povo, tribo e língua podia e seria transformada, pois Deus assim o declarou em sua Palavra.

A. A. Hodge, de Princeton, que em seus primeiros anos serviu como missionário na Índia, viu o esforço missionário ameaçado tenazmente pelo pré-milenarismo, escreveu:

Os missionários milenaristas têm seu estilo próprio. Sua teoria afeta sua palavra, porque faz com que busquem exclusiva, ou principalmente, a conversão de almas individuais. O método missionário verdadeiro e eficiente é objetivar diretamente, de fato, ganhar almas, mas ao mesmo tempo plantar instituições cristãs em terras pagãs, as quais, no devido tempo, se desenvolverão de acordo com o gênio das nacionalidades. Os missionários ingleses nunca podem esperar converter o mundo diretamente por unidades.⁴

Sob a influência do novo pré-milenarismo, “a igreja foi considerada como uma instituição sem um futuro”. A nova ênfase era *não trabalhar, mas esperar*; esperar pelo arrebatamento, para os pré-milenaristas, e esperar sombriamente pela tribulação e o fim, para os amilenaristas.

Dois outros fatores reforçaram a retirada ocasionada pela falsa escatologia. *Primeiro*, o pietismo via a vida em termos essencialmente emocionais e pessoais, e como uma preparação para o céu. O trabalho era visto como uma rotina, um aspecto da maldição, não uma forma de domínio, e o objetivo do homem era visto como férias eterna com o Senhor. O pietismo produziu uma vida intelectual e vocacionalmente superficial. A prova da fé tornou-se uma experiência emocional, e, não surpreendente, as mulheres começaram a predominar nos círculos católicos e protestantes. A religião tornou-se um assunto de mulher, e os homens estavam cheios de pietismo e com pouca masculinidade. O pietismo exaltou as pessoas medíocres e piedosas, que reduziam a fé a uma pura efusão de piedade e, por quase dois séculos, tem endemoniado o clero devoto com seus modos santarrões e pecaminosos. As pessoas medíocres evitam os pecados abertos, não porque amam e temem a Deus, mas porque são almas tímidas, que amam e temem as pessoas, e não ousam ofendê-las. Em suas mãos, a virtude deixou de estar associada com domínio e fortaleza, e passou a estar associada com fraqueza e medo.

Segundo, a doutrina da evolução fortaleceu o humanismo das falsas escatologias e o pietismo. O homem poderia agora fazer de si mesmo o controlador da sua evolução. Uma nova filosofia de trabalho surgiu como meio de desenvolver um novo homem, uma nova sociedade e um novo mundo. Para a Escritura, o trabalho era o meio de domínio ordenado por Deus no Éden. Após a Queda, uma maldição foi posta sobre o trabalho do homem, enquanto caído; no grau em que o homem redimido é santificado, seu trabalho resulta novamente em domínio piedoso.

O século 20 tem visto o fracasso do humanista em anunciar um novo paraíso por meio de seu trabalho, e o resultado é uma fuga do trabalho e uma cobiça por aposentadoria, férias e fuga do mundo do trabalho. Assim, o humanismo tem uma falsa filosofia de trabalho e descanso. Suas afirmações imitam as de Deus: renovar o

⁴ *Ibid.*, p. 205.

homem e o mundo; ele é um mal desesperado, embora bonito de rosto, pois sua esperança é que do mal o bem possa proceder. Ele crê que o homem pecador pode mudar a si mesmo e ao mundo, e vindicar sua revolução contra Deus.

Uma falácia central do pré-milenarismo e amilenarismo é a suposição comum de que a Queda, de alguma forma, frustrou o propósito original de Deus como apresentado no Éden. Mas Deus nunca é frustrado, nem o pode ser. Crer nisso é ser um humanista, e o humanismo, onde quer que esteja, deve ser estrangulado, pois assume que o caminho do homem pode prevalecer sobre o Caminho de Deus.

O propósito de Deus não foi frustrado pela Queda, mas manifestado por meio dela. Todas as coisas são aspectos da predestinação, e predestinação de Deus, e nada pode ser entendido em termos de si mesmo ou o momento, mas somente em termos de Deus. A salvação do homem não é o propósito último de Deus, embora uma parte do seu propósito declarado, mas a manifestação de sua glória e propósito em e por meio do homem.

Dessa forma, a Queda promoveu o propósito de Deus. Os espinhos e cardos (Gn 3.18) frustram o homem, mas enchem a terra e impedem que o homem a destrua. Os impérios de outrora, os comunistas de hoje, os cientistas ímpios, e outros, todos crêem que frustram a Deus e zombam dele, mas os seus próprios esforços apenas promovem o propósito de Deus e a sua glória. Suas riquezas e realizações serão usadas por seu reino. Em Isaías 60.3,5,11 e Isaías 66.12, bem como em outros lugares, somos assegurados disso. Do reino de Deus, somos informados de que “os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra” (Ap 21.24). O comunismo é um mal; devemos nos opor e lutar contra a sua presença em nosso meio. O humanismo é um mal; devemos batalhar contra ele em todas as fronteiras. Contudo, devemos lembrar que suas idas e vindas terão como resultado apenas promover o propósito de Deus e enriquecer o seu reino, pois *nada acontece que não promova o reino de Deus e a glória final do seu povo nele e que não cumpra o seu propósito.*

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (1Co 15.58).

A doutrina mundana a respeito do descanso é uma fuga do trabalho. Estar de férias significa uma busca inquieta por entretenimento e uma preocupação em se evitar as exigências do trabalho. O trabalho não produz nenhum domínio ao escaparmos da realidade da frustração e castração. O homem sem domínio é um eunuco; e o humanismo, carecendo do domínio verdadeiro, corre do trabalho para uma sexualidade frenética, tentando provar uma falsa potência, pois sabe, em seu coração, que é um homem impotente no que diz respeito ao verdadeiro domínio.

Para o homem de Deus, o descanso é um privilégio, assim como o trabalho. Ele *descansa* porque tem a certeza de que o Deus infalível e onipotente tem lhe assegurado a vitória, e que seu labor nunca é vão no Senhor. O homem de Deus descansa no orgulho e na alegria do domínio, ao deleitar-se no Deus que faz *todas* as coisas cooperarem para o bem daqueles que o amam, para aqueles que são chamados de acordo com o seu propósito (Rm 8.28).

Aposentadoria é um princípio moderno, uma contraparte secular da idéia de um arrebatamento. É um abandono da virilidade e da vida. Enquanto o homem for

capaz, ele *precisa* trabalhar, e *precisa* descansar. O arrebatamento e a aposentadoria são assumidos falsamente como premissas e significam uma entrega; elas tratam uma retirada do domínio como um privilégio, e não como uma tragédia de tristeza. O pós-milenarismo nos dá uma teologia de trabalho e de descanso, e uma escatologia de vitória.

CAPÍTULO QUINTO: ECONOMIA E ESCATOLOGIA

Muito cedo em meus dias de estudante, comecei a doar livros, expressando um zelo missionário a várias pessoas, se estas prometessem ler os mesmos. Esta prática se tornou considerável mais tarde, quando os fundos permitiam maior generosidade; e foi encerrada há pouco tempo. Os livros doados cobriam uma variedade de assuntos: religião e teologia, filosofia, ciência, História, poesia, sociologia e muito mais. Sempre foi muito difícil doar um tipo de livro: sobre economia.

Os que recebiam estes livros eram estudantes, sacerdotes, donas de casa, professores e homens em vários chamados. Seja qual fosse seu posto ou chamado na vida, um livro sobre economia era de pequeno ou nenhum interesse para eles. Não é devido ao fato de os livros sobre economia serem mais difíceis que os outros. Alguns dos escritos que tenho sugerido têm sido modelos de clareza e simplicidade.

Varias instituições têm se dedicado a promover o conhecimento econômico. A *Foundation for Economic Education* [Fundação para Educação Econômica] tem feito um trabalho excelente, e a *Christian Freedom Foundation* [Fundação Cristã Livre] também. Em particular, a *William Volker Fund* [Fundo William Volker] tem subsidiado por anos a publicação e distribuição de obras notáveis em economia. O trabalho dessas e outras fundações, embora altamente competentes, não produziram os resultados que os mesmos gastos poderiam ter obtido, e têm obtido, em outras áreas.

Por que há um desinteresse ou grande resistência à economia? E por que ela tem sido chamada durante gerações de “a ciência lúgubre”? Por que os homens acham o assunto desinteressante, quando é tão importante para a sua vida diária?

As escolas exigem que os estudantes façam um curso em psicologia, geralmente de valor mais que duvidoso, ou geometria, que poucas pessoas sequer usam. Muitas universidades exigem algum trabalho laboratorial nas ciências, e os estudantes, a maioria dos quais nunca se tornará cientistas, anualmente dissecam milhares de miseráveis sapos e outros animais como parte de sua educação. O currículo é altamente desordenado com exigências que são inúteis para a maioria das pessoas. *Toda* pessoa deve considerar os fatos econômicos, e, todavia, como regra geral, as escolas não exigem delas o aprendizado de economia. As raízes desse paradoxo são profundas em nossa cultura, e em toda cultura.

As raízes são, em grande medida, maniqueístas e neoplatônicas.¹ Elas alimentam uma distância do mundo real das coisas materiais e nutrem uma preferência por um mundo de espíritos puros. Desde Hegel, o mundo moderno tem sido profundamente infectado por tal pensamento, de modo que, não menos que certos aspectos da cultura “medieval”, isso é de outro mundo. A diferença agora é que o outro mundo não é o mundo dos universais platônicos ou aristotélicos, mas o mundo da imaginação e planejamento do homem, sem qualquer pretexto de um reino de universais.

¹ Veja R. J. Rushdoony, *The Flight From Humanity*.

Esse idealismo moderno não gosta da economia clássica, pois ela postula e exige um universo de leis; ela insiste numa realidade diferente da imaginação do homem. Para citar um exemplo: no começo dos anos de 1960, quando eu falava do desaparecimento vindouro das moedas de prata (um fato óbvio para qualquer um familiarizado com a economia clássica), a resposta mais comum foi uma negação que a alta do preço da prata levaria a um desaparecimento das moedas de prata, quando o seu valor em prata alcançasse e então excedesse o seu valor facial. Mais tarde, quando as moedas revestidas de metais básicos foram lançadas em 1965, insistia-se geralmente que a Lei de Gresham² não funcionaria.

Quando as duas coisas aconteceram, isto é, a alta do preço da prata levou ao abandono da cunhagem de prata, e o dinheiro ruim (moedas revestidas) tirou as moedas de prata de circulação, a pronta resposta foi uma recusa em aceitar qualquer lei econômica como operante. Em vez disso, sustentava-se, as coisas acontecem da forma como acontecem *somente* porque muitas pessoas ainda crêem na antiga economia e, portanto, fazem com que ela aconteça. *Toda* determinação era vista como vinda da mente do homem.

De um ponto de vista bíblico, *toda* determinação vem de Deus, e sua ordenação de todas as coisas é a estrutura e lei da criação. O humanista insiste que a ordem vem da mente do homem: enquanto um homem ainda crê nos “mitos” da antiga economia, ele fará com que ela funcione. Quando os homens crêem na nova economia, então a nova economia funcionará.

Esse idealismo, a crença de que a mente e as idéias do homem são determinantes da realidade, é básica para a cosmovisão moderna. Onde esse idealismo prevalece, a sociedade será, essencialmente, *política* e *sociológica* na orientação, em vez de *teológica* e *econômica*. Numa sociedade política, a esperança do homem está ligada à legislação e aos atos do Estado. O sucesso não depende da obediência à lei de Deus em cada esfera, nem o homem está ligado às realidades duras e materiais da economia tais como oferta e procura. Em vez disso, o homem pode legislar novas realidades pelos atos do Estado. A ordem deve ser *criada*, não *cumprida*. Se a lei de Gresham é verdadeira, então a ordem significa ajustar-se a essa realidade econômica, não à criação de uma idéia de ordem pelos planejadores de elite. Se “não roubarás” e a lei do *Sabbath* são partes de uma ordem última e inescapável, devemos obedecer a elas ou sofrer certas desordens.

Dizer que a ordem deve ser criada, e não obedecida, significa que a mente do homem deve criá-la. Se uma ordem última já existe ali, criada por Deus, e o dever do homem é se ajustar a ela, isto é, obediência à lei de Deus; então, o objetivo social do homem é procurar harmonia com essa ordem última. Contudo, se tudo o que temos ao nosso redor é um “universo” de desordem, no qual a mente do homem deve trazer ordem; então, o *conflito* é o caminho apontado. O conflito, neste caso, é duplo. *Primeiro*, há um conflito com o mundo de desordem ao nosso redor. Em vez de harmonia com a ordem última, estamos em guerra com a desordem última ao nosso redor. *Segundo*, isso significa também conflito com homens que podem discordar da idéia de ordem humanista do Estado. Visto que a ordem depende da mente do homem, então os homens recalcitrantes devem se converter à verdadeira fé

² Lei de Gresham: “Dinheiro ruim expulsa o bom”.

humanista ou serem punidos, aprisionados, ou executados para eliminar a potencialidade da desordem. Em vez de harmonia, o conflito torna-se o caminho para a ordem, e o resultado é uma sociedade em conflito.

Religiosamente, essa ênfase humanista no conflito significa a exaltação dos poderes do mal e do anticristo. O mal se torna determinante numa forma poderosíssima, pois o propósito e o último estágio de maldade foram transferidos para o mundo criado, ao mundo essencialmente humano, e a soberania e o poder predestinador de Deus têm sido negados. Na Escritura, a única definição válida de “anticristo” é alguém e todos que negam Cristo ter vindo em carne (1Jo 4.3), isto é, todos os que negam a realidade da encarnação. A Bíblia não nos diz que o anticristo, uma pessoa, governará o mundo: isso é um mito, e um mito que exalta os poderes do homem contra os de Deus.

Semelhantemente, na Escritura, Satanás é uma *criatura*, e uma criatura caída. Porque ele é uma criatura, Satanás, como todas as criaturas, tem uma existência puramente local: ele não pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Assim, ele não pode estar me tentando na Califórnia e a outra pessoa em Viena, ao mesmo tempo. Sua abordagem a qualquer pessoa é, na melhor das hipóteses, muito limitada, embora real. Muitíssimas pessoas estão prontas a culpar o Diabo por seus pecados, quando a verdade é que eles não precisam de nenhuma ajuda para cometer tais pecados, apenas uma desculpa.

O Diabo, como o homem, é uma criatura. Quando o homem exalta a criatura, ele exaltará a si mesmo, suas fabricações políticas, e também ao Diabo. Quando o pensamento aristotélico foi revivido pelo Escolasticismo, o Cristianismo viu o surgimento de ordens políticas fortes e humanistas, e viu também, ao mesmo tempo, o crescimento considerável da bruxaria, do ocultismo e Satanismo. Satanás tornou-se um grande poder simultaneamente com os tiranos do final da era “medieval” e do Renascimento.

De modo semelhante, o surgimento do Estado totalitário no século 20 tem visto também o reavivamento simultâneo da magia, bruxaria, ocultismo e Satanismo.

O reino do homem é o reino da criatura, e floresce tanto neste mundo como na vida porvir, ao mesmo tempo. Suas pretensões são comuns; aumentam e caem juntas.

Isso significa que o idealista deve ter uma realidade politicamente controlada, não uma economia de livre mercado. A Bíblia diz, com respeito à criação do homem, que ele foi criado do pó da terra (o pó tendo sido previamente feito por Deus), e que o homem está ligado ao pó e retorna a ele. Aceitar esse fato sobre nós mesmos significa que aceitamos também o fato de que nossa economia, como tudo da nossa vida, está ligada a realidades materiais, não como uma penalidade, mas como suas circunstâncias normais e naturais. Ao invés de rebelar-se contra ela, reconhecemos que a vida significa precisamente isso para nós, e que ela, a vida, é boa.

Desse modo, a economia é um barômetro. Interessar-se por ela marca uma escatologia saudável. O desinteresse nela significa um elemento de pensamento neoplatônico ou maniqueísta.

CAPÍTULO SEXTO: A GERAÇÃO DO ARREBATAMENTO

Um adesivo de pára-choque de 1973 dizia: “Você está na geração do arrebatamento”. Ao mesmo tempo, um dos livros mais populares na época foi intitulado: “Satanás está vivo e muito bem no planeta Terra”¹ (de Hal Lindsey e C. C. Carlson). Ao mesmo tempo, um programa de televisão numa emissora importante tratava sobre “O Ditador vindouro de Satanás”; e o telejornal de outra rede de notícias lidava com os “Testemunhas de Jeová” e foi intitulado “Testemunhas: ‘O Fim está Próximo’”. Em sua primeira sentença líamos: “O corpo religioso de maior crescimento na América procura convertidos com fervor, inspirados pela convicção de que o fim do mundo chegará muito em breve, talvez em 1975”.² Pessoas que esperam o fim do mundo muito em breve, e estão planejando serem arrebatadas, provavelmente não estão interessadas no domínio sobre a terra, nem na aplicação da lei de Deus a tudo da vida. Além disso, se tais pessoas crêem, como, na verdade, o fazem, que Satanás governa o mundo, elas considerarão suas responsabilidades para com o mundo como insignificantes, e o mundo como algo de que se deve escapar.

Elas estarão, sem dúvida, interessadas em “salvar almas”, mas o foco do seu evangelismo não será bíblico. Um evangelista, numa carta de agosto de 1973, tinha, no verso do seu envelope, em grandes letras, essas palavras: “É Legal Ser Salvo”. Este homem, que declara que tinha sido contactado por uma das três principais redes de TV (da Califórnia) sobre a questão de um programa nacional a ser chamado “O Show de Bob Harrington”, declara: “Eu lhes disse que estou interessado apenas se puder aparecer como um pregador e falar com as pessoas sobre Jesus: Eu quero um ‘Feliz Hora Santa de Bob Harrington’.” E Harrington ainda escreve:

Onde quer que eu vá hoje, digo três coisas, nesta ordem:

1. Primeiro, “Jesus me enviou até você”;
2. Segundo, “É Legal Ser Salvo”;
3. Terceiro, “Eu voltarei!”.³

Paulo, após a experiência comovente de sua conversão, não comeu ou bebeu por três dias (At 9.9); ele sabia o que significava ser um cristão, e não foi uma “coisa legal” com ele, mas uma experiência que lhe trouxe perseguição e problemas, bem como a glória da graça de Deus.

O tipo de religião que Billy Graham e Bob Harrington representam é prontamente aprovada por políticos corruptos e pelos meios de comunicação mercenários. Ela não desafia os seus sonhos de domínio sem Deus, e abranda os seus pecados com o verniz da respeitabilidade religiosa, com uma fachada de pietismo. Tais homens podem ter o ouvido de líderes nacionais, e pregar na Casa Branca e no

¹ O título original da obra é “Satan is Alive and Well on Planet Earth”. No Brasil, o livro foi lançado com o título “Satanás está vivo e ativo no planeta Terra. [N. do T.]

² Louis Cassals, “Witnesses: ‘The End is Coming Soon’”, in *The Los Angeles Herald-Examiner*, Saturday, September 1, 1973, p. A-7.

³ *Bob Harrington’s Heart Beat*, Sept., 1973, p. 2. New Orleans, LA.

Congresso sem atacar sequer um jota da marcha nacional em direção à degeneração e apostasia.

É fácil aprovar algo quando isso nos dá crédito por sermos bons homens e exige pouco ou nada de nós. Nosso Senhor disse do mundo que sua atitude para com ele era simplesmente esta: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19.14). O mundo fica feliz com qualquer homem que diminua ou negue o reinado de Cristo. Paulo diz, contudo, que “convém que ele reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés” (1Co 15.25).

Proclamar o reinado absoluto de Cristo e o exercício necessário do domínio pelos cristãos em termos da lei de Deus é declarar guerra ao mundo e incorrer em ira e hostilidade. É impossível, então, ser um capelão do Congresso e ser procurado pelos meios de comunicação ímpios.

Pode o inimigo imaginar um aliado melhor do que “a geração do arrebatamento”? A geração do arrebatamento não somente nega a necessidade da batalha, mas entrega todo o seu domínio ao inimigo. Se o mundo estivesse de fato nas mãos da geração do arrebatamento, Satanás, com certeza, estaria vivo e muito bem no planeta terra. Mas é Deus quem governa o mundo, não Satanás, e é somente o governo de Cristo que prevalece.

A geração do arrebatamento não tem nenhum interesse na reconstrução cristã, somente em ser arrebatado para fora dos problemas da História. O título do livro de Hal Lindsey revela essa atitude, *O falecido grande planeta Terra*.⁴ Quando o mundo e a História já parecem como mortos, a preocupação com eles é irrelevante. Lindsey tem uma palavra de advertência, ao final do livro, sobre viver com a possibilidade de que o arrebatamento possa não ocorrer em nosso tempo de vida, mas a ênfase básica de seu livro é que este é o falecido e abandonado mundo do homem, o mundo da História. Ele prepara seus seguidores para a “contagem regressiva”, o arrebatamento iminente. Ele vê que “o sinal profético mais importante da breve vinda de Jesus Cristo está diante de nós”. Portanto, esse é um “tempo de emoção eletrizante”.⁵

Todos aqueles que conhecem Lindsey informam sobre sua abordagem a todos os “convertidos” em potencial. Ele inculca medo e prega o arrebatamento. “De repente, num desses dias”, declara ele, “eu desaparecerei diante dos seus olhos. Minha Bíblia será deixada aqui, mas eu partirei no arrebatamento. A menos que creia, você será deixado neste mundo sem nós”.

E um quadro adicional é pintado: “de repente, nas vias expressas, haverá pilhas gigantescas de automóveis, quando carros sem motorista se chocarem com outros veículos, porque a geração do arrebatamento terá desaparecido”.

Isso é fé bíblica? É Cristianismo? Um grande número daqueles da geração do arrebatamento não dão evidência de regeneração, nem em suas crenças nem em suas vidas. Antes, eles enfatizam o escapismo, e o poder devastador de Satanás. Com alguns, o resultado é um Satanismo prático, pois eles reconhecem mais prontamente o governo operante de Satanás no mundo do que o de Deus. Eles atribuem a Satanás

⁴ O título original da obra é “*The Late Great Planet Earth*”. Publicado no Brasil com o título “Satanás está vivo e ativo no planeta Terra”. [N. do T.]

⁵ Hal Lindsey e C. C. Carlson, *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), p. 57ss.

poder sobre o clima, a determinação da História e o domínio sobre a terra, que pode ser atribuído somente ao Deus trino.

A geração do arrebatamento não está interessada na lei de Deus, na reconstrução cristã por meio dela, no reinado de Jesus Cristo, nem nas doutrinas essenciais da Escritura. Toda a História do mundo é vista por Lindsey como uma “contagem regressiva” para a segunda vinda e o arrebatamento. “A grande questão é: você estará aqui durante essa contagem regressiva de sete anos? Você estará aqui durante o tempo da Tribulação, quando o anticristo e o Falso Profeta estarão no comando por um tempo? Você estará aqui quando o mundo for atormentado com os dias mais obscuros da humanidade?”.⁶ A esposa de um fabricante, quando eu neguei a validade da idéia de um arrebatamento, explodiu com certa paixão, declarando: “Então, qual é o sentido de ser cristão, se terei que sofrer a tribulação? Qual é o sentido de deixar de fumar e dançar?” O Senhor, ela insistiu no argumento, não teria direito de fazer isso com ela e, portanto, não poderia ser verdade que ele tinha o propósito de fazê-los passar por alguma tribulação, grande ou pequena (Pessoas ricas são alvos prediletos de muita atividade da geração do arrebatamento. Eles estão predispostos a comprar o escapismo, e podem recompensar melhor aos seus vendedores).

A geração do arrebatamento é a geração inútil. Alguns anos atrás, o diretor de uma escola da Califórnia, que tinha assinado um contrato em fevereiro com outra escola, foi informado que, no começo de junho, uma série de problemas e desastres confrontaria seu atual distrito escolar. Ele riu com felicidade e observou: “Não é problema meu. Não estarei mais aqui! Estou partindo em três semanas”.

A geração do arrebatamento tem a mesma indiferença, apenas ampliada, para com os problemas presentes. Lindsey diz mui claramente: “Deveríamos viver como pessoas que não esperam permanecer aqui por muito tempo”.⁷ Esse é um mandato para o viver irresponsável, para uma negligência dos problemas sociais, políticos, educacionais e todos os outros, em favor de esperar pelo arrebatamento.

Nesse ponto, Lindsey admite um fato significativo, a saber, que entre o tempo do fechamento do cânon do Novo Testamento e meados do século 19, a “verdade profética”, como Lindsey a define, era pouco conhecida.⁸ Desde então, e especialmente neste século, ela tem se espalhado grandemente, muito abastecida pelas notas heréticas de Scofield. Ao mesmo tempo, o Cristianismo tem declinado à medida que grande número de pessoas tem se unido à geração do arrebatamento e se dedicado a um planejamento irrelevante para com Deus e o homem. O destino deles não é o arrebatamento, mas o juízo, pois a nossa salvação não está no arrebatamento, mas em Jesus Cristo.

⁶ *Ibid.*, p. 137ss.

⁷ *Ibid.*, p. 145.

⁸ *Ibid.*, p. 181.

CAPÍTULO SETE: PREDESTINAÇÃO E LEI

É hora agora de falar dos erros do pós-milenarismo e seus aderentes, e a razão de sua decadência. O cerne do pós-milenarismo é a fé que Cristo, por meio do seu povo, consumará e colocará em vigor as promessas gloriosas de Isaías e de toda a Escritura: que ele sobrepujará todos os seus inimigos por meio do seu povo do pacto, e exercerá seu poder e reinado em todo o mundo e sobre todos os homens e nações, de modo que, seja por fé ou derrota, todo joelho se dobrará diante dele e toda língua confessará a Deus (Rm 14.11; Fp 2.11).

Deus declara por meio de Isaías: “Por mim mesmo tenho jurado, já saiu da minha boca a palavra de justiça, e não tornará atrás; que diante de mim se dobrará todo o joelho, e por mim jurará toda a língua” (Is 45.23). Paulo declarou novamente isso como cumprido na vinda de Cristo e por meio do seu povo (Rm 14.11; Fp 2.11).

A primeira grande petição da Oração do Senhor declara a centralidade desse aspecto da nossa fé. Somos requeridos, na verdadeira oração, a orar “assim” (Mt 6.9), pedindo a Deus: “venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Orações que descuidam dessa petição perdem a essência e o cerne da oração como nosso Senhor a requer.

Como é que o reino de Cristo vem? Novamente, a Escritura é muito definida e explícita. A paz e prosperidade gloriosa do reino de Cristo serão trazidas *somente* à medida que as pessoas obedecerem à lei do pacto. Em Levítico 26, Deuteronômio 28 e em toda a Escritura, isso é declarado com clareza. Haverá paz e prosperidade na terra, o inimigo será destruído, e os homens serão livres dos males somente “se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os cumprirdes” (Lv 26.3). A obediência da fé à lei de Deus produz *bênçãos irresistíveis*: “E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do SENHOR teu Deus” (Dt 28.2). Por outro lado, a desobediência leva a *maldições irresistíveis*: “Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão” (Dt 28.15).

De acordo com essas e outras declarações da Escritura, a determinação de todas as coisas no tempo é em termos de obediência e desobediência à lei de Deus. Isso é claramente explicado para as várias áreas da vida. *Primeiro*, a prosperidade e o sucesso nacional, rural e urbano têm como condição a obediência à lei de Deus. *Segundo*, a fertilidade humana é semelhantemente uma área em que a maldição e a bênção de Deus são ativas, e somos amaldiçoados ou abençoados no fruto de nossos corpos. *Terceiro*, a fertilidade e prosperidade agrícola também estão ligadas à lei. *Quarto*, o clima está também relacionado à lei, de modo que Deus julga e abençoa por meio da chuva, granizo, neve, orvalho e sol. *Quinto*, nossa relação com os nossos inimigos também é condicional à obediência. *Sexto*, nossa vida e atividade pessoal são abençoadas ou amaldiçoadas em termos de nossa obediência à lei de Deus.

A doutrina da predestinação *não* é fatalismo: ela não nega a responsabilidade do homem. Antes, afirma a coincidência da predestinação e a ação responsável do

homem, de modo que, embora a causalidade primária seja de Deus, a causalidade secundária é do homem. A realidade das causas secundárias não é negada, mas estabelecida pela causalidade primária de Deus. Eu não sou menos homem porque sou um pecador, um mortal e um filho dos meus tempos; igualmente, não sou menos responsável, e, num sentido secundário, um homem com uma vontade limitada, embora livre (apesar de ser derivada e de uma criatura), porque Deus é a causa primária de todas as coisas e a única vontade última e absoluta.

Assim, a determinação da História por Deus é claramente descrita em sua lei. Se cremos e obedecemos, então somos abençoados e prosperamos nele; se o negamos e desobedecemos à sua lei, somos amaldiçoados e confundidos.

Não somos arrebatados para o sucesso num estilo grego. A idéia pré-milenarista de arrebatamento nega a lei de Deus e, portanto, nega ao próprio Deus, pois sua lei é a parte principal da sua Palavra escrita, e não podemos chamar um Deus sem lei de o Deus da Escritura. Os amilenaristas negam qualquer vitória na História e, assim, negam a própria forma e natureza da predestinação da História por Deus, de modo que a doutrina da predestinação deles se torna uma casca formal e vazia. Pós-milenaristas antinomianos negam o caminho dado por Deus para o seu reino quando contornam a lei. Logo, eles apresentam, sem mencionar, um arrebatamento! De que outra maneira o mundo irá se mover da sua depravação atual para a ordem de Deus? Vamos flutuar em vagas orações e numa espiritualidade de “vida superior”? Os pós-milenaristas antinomianos não têm resposta.

A acusação de que o pós-milenarismo do calvinismo colonial e do século 19 levaram ao Evangelho Social do século 20 é levantada com freqüência. Ninguém documentou essa acusação, que é obviamente falsa. Charles Hodge e A. A. Hodge, B. B. Warfield, J. Gresham Machen e outros não foram a fonte do Evangelho Social, e eram hostis a ele. As raízes desse movimento são o arminianismo, e, mui diretamente, aquele notável reavivalista humanista, Charles G. Finney.

Deve ser adicionado, contudo, que, à medida que a ênfase sobre a lei de Deus diminuiu, por causa do arminianismo da época e o declínio dos teólogos reformados numa apologética racionalista, e não bíblica, a iniciativa na sociedade caiu nas mãos dos defensores do Evangelho Social *espontaneamente*. Somente eles tinham uma “resposta” para os problemas sociais. Todavia, a resposta deles era e é a política humanista. Desse modo, é urgentemente necessário que os cristãos retornem à lei como o meio dado por Deus para realizar a ordem de Deus. A declaração da Escritura é clara: “E não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, andando após outros deuses, para os servires” (Dt 28.14). Negar a lei de Deus é negar a ele e ao seu reino, e servir a outros deuses e outra fé. Isso nós temos feito, e dito que é “do SENHOR”! É de admirar que estejamos sob juízo? Precisamos orar com o salmista: “A terra, ó SENHOR, está cheia da tua benignidade; ensina-me os teus estatutos” (Sl 119.64).

Deus tem um plano para a conquista de todas as coisas por seu povo do pacto. Esse plano é a sua lei. Ela não deixa fora nenhuma área da vida e da atividade, e predestina a vitória. Negar a lei é negar Deus e o seu plano para a vitória.

SOBRE O AUTOR:

Rousas John Rushdoony (1916-2001), americano filho de imigrantes armênios, foi um famoso filósofo, teólogo e apologeta da fé cristã, tendo escrito mais de trinta livros. Ele obteve o seu título de Bacharel e Mestre na Universidade da Califórnia e recebeu seu treinamento teológico na *Pacific School of Religion*. Um ministro ordenado, foi missionário durante oito anos e meio numa reserva indígena distante, entre os índios Paiute e Shoshone, bem como pastor de duas igrejas na Califórnia. Dr. Rushdoony foi o fundador da *Chalcedon Foundation* em 1965, e seu presidente até 2001, ano de sua morte. Seus escritos no *Chalcedon Report* e seus inúmeros livros têm produzido uma geração de crentes ativos na reconstrução do mundo para a glória de Jesus Cristo.